

INTERFERÊNCIAS DO GÊNERO NO RENDIMENTO ESPORTIVO: PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Stefano Ludovico Uliana¹, Afonso Antonio Machado².

RESUMO

O objetivo deste estudo foi pesquisar a percepção de adolescentes sobre a masculinidade, analisando o ponto de vista de atuais discussões sobre gênero, que concordam que a identidade masculina é um processo em transformação, diante da tradicional transformação da identidade feminina. Dados mostram que o mundo do futebol masculino, onde sonhos de sucesso, status social e poder aparecem como altos degraus, levam o adolescente a se disciplinar para atingi-lo, amadurecendo precocemente, com uma identidade pouco consistente.

Palavras-chave: Adolescentes, sexo masculino, esporte.

ABSTRACT

The aim of the study was to research the perception of adolescents about the male role, questioning the view points of actual discussions on gender, that agreed that masculine identity are in process of change, in face of the transformation in the traditional female role. The findings show that in the masculine world of soccer game, where the dream of success, social status and empowerment are the ultimate goals, the adolescents disciplined themselves strongly and seem precociously mature when they defined "being a man is being responsible".

Key-words: Adolescents, male gender, sport.

INTRODUÇÃO

Este estudo bibliográfico tem por objetivo esclarecer a construção e reprodução da *masculinidade*, tendo como vertentes de análise a adolescência, a identidade e o gênero. O que nos motivou a realizar tal estudo foram os questionamentos feitos já há alguns anos, sobre as diferenças entre o esperado e o exigido do homem e da mulher e que havíamos percebido também em nossa própria educação.

As questões e as diferenças que mais nos intrigavam eram as relativas à vivência da sexualidade; era aí que as discriminações pareciam maiores. Em busca de bibliografia sobre o assunto, constatamos que os autores abordavam a questão como um problema social em seus estudos e pesquisas, reiterando idéias do senso comum, tais como culpa, trauma e alto risco.

PAPEL SOCIAL e GÊNERO NA ADOLESCENCIA

A adolescência é uma fase em que se entrecruzam, intensamente, papéis ligados à sexualidade com outros papéis sociais e que tem que ser analisada dentro do contexto cultural e social em que está inserida, assim como a sexualidade não pode ser considerada isoladamente, mas dentro de um contexto global de vida do adolescente, em que se inclui seu relacionamento com os companheiros, sua vida familiar, seu trabalho ou sua atividade escolar.

Conforme análise anterior, a puberdade-adolescência seria uma fase da vida de rematrização dos papéis, surgindo como segundo pico do reconhecimento do "Eu sexual", que se inicia na primeira infância e cujo terceiro período acontece na terceira idade, quando ocorrem novas transformações físicas e psicológicas (FONSECA, 1980: 87).

O surgimento dos caracteres sexuais secundários leva a uma nova tomada de consciência do corpo. Sedimentam-se alguns papéis precariamente desenvolvidos e surgem outros. Todo aprendizado do papel social de homem e do papel social de mulher que foi feito até aqui se estende ao ensaio da prática da sexualidade, que vem exigir do adolescente uma integração mais refinada a qual ele ainda não pode atender.

Freqüentemente, a sexualidade encontra-se envolvida em um feixe de valores morais, determinados e determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais que dizem respeito a mais de uma pessoa. São os fatores biológicos e genéticos que determinam a anatomia dos indivíduos, mas são os fatores ambientais e a cultura em que estão inseridos que delimitam seu espaço, sua linguagem, seu modo de vestir, seu modo de se relacionar, seu modo de “ser”, tornando gênero e sexualidade intimamente conectados. Conforme diz Paiva:

(...) é praticamente impossível as pessoas desenvolverem-se sem identidade sexual, sem se sentirem homem ou mulher e, à exceção de quatro imperativos biológicos (o homem fecunda, a mulher menstrua, gesta e amamenta), as outras diferenças são construídas na relação do indivíduo com a cultura e a sociedade, particularmente com seus representantes no início da vida, a família. (PAIVA, 1993: 33)

Segundo Paiva (1996), é preciso fazer uma diferenciação entre a evolução da sexualidade e a evolução da identidade sexual. Para ele, a sexualidade é geneticamente determinada de acordo com a espécie e é regida pela produção, no devido tempo, dos hormônios sexuais.(...) A Identidade Sexual é o canal psicológico por onde essa sexualidade vai ser escoada e descarregada. (...).

A formação da identidade sexual, apesar de ser uma característica da espécie, vai sofrer uma enorme influência da interação entre o indivíduo e seu meio ambiente psicológico, desde os padrões culturais e morais da comunidade onde ele vive até sua relação com sua Matriz de Identidade constituída da família onde vive, seus Modelos Internalizados de homem e mulher e até as características neuróticas da sua personalidade. (Dias, 2000: 81).

Para nós, Louro completa bem esta linha de pensamento quando diz que a inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas.

As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (...) É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe, etc).

Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias.

Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais. (LOURO, 2000: 11-2).

Louro(2000) também diz que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas e que suas identidades sexuais se constituem por meio das formas como a vivem. As identidades (sexuais e de gênero) estão inter-relacionadas e fica difícil pensá-las distintamente. Segundo ela:

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. (LOURO, 1997: 26-7).

Fonseca (2000) vê a sexualidade como uma das formas de comunicação do ser humano. Para ele, sendo o homem um ser em relação, o sexo surge como um instrumento relacional importante, mas não único, e fica difícil, sob este prisma, separar sexo de amor. Segundo ele, o amor engloba todos os relacionamentos em que o sexo está presente: “o chamado sexo sem amor, ou com desamor, tem o amor implícito”. Desta forma, quando trata do desenvolvimento da sexualidade e da identidade sexual, ele fala da aprendizagem do amor e da aprendizagem sexual. É a cultura que vai tornar as “práticas” de

um e de outro diferentes conforme o gênero. O desempenho dos *papéis de gênero* é estabelecido pela sociedade.

Inicialmente a criança demonstra uma atração natural por seres humanos, de forma indeterminada ou inespecífica. Aos poucos, a discriminação para pessoas conhecidas/desconhecidas vai surgindo, de forma que, depois de um determinado tempo, pode eleger (vínculos) pessoas preferenciais à sua tranquilidade, segurança e prazer. Aprende o prazer da presença e a dor da separação.

A evolução da fase de vinculação-separação (ou simbiose) dá origem às “relações em corredor” e, assim como as outras fases do desenvolvimento, é ultrapassada, deixando registros ou marcas. Como essa fase se caracteriza pela exclusividade, dependendo de como a criança a vivencia, vai levar para sua vida adulta sentimentos de exclusividade na relação com o outro.

A seqüência do desenvolvimento promove a fase do “reconhecimento do eu sexual”. Esta fase refere-se ao período em que a criança se dá conta de seu corpo e toma consciência de seus genitais e de seu sexo. Toma consciência de sua identidade sexual: “sou um menino”, ou “sou uma menina”. Esta fase é mais significativa, em termos de sexualidade, na puberdade-adolescência, com o estabelecimento definitivo do corpo e dos caracteres sexuais secundários.

Nesta fase, a criança descobre diferenças mais definitivas entre o sexo masculino e feminino e se situa em termos de autoconsciência em uma delas, incorporando não só as diferenças anatômicas e fisiológicas dos sexos, mas também às referentes aos costumes e hábitos sócio culturais. Isto significa a criança constatar que pertence a um sexo e que existem pessoas de outro sexo: uns têm pênis e outros, vagina. Reconhecer e sentir a anatomia sexual tem grande importância para desenvolver a consciência de pertencer ao gênero masculino ou feminino.

Quando nascemos temos boca, cordas vocais, ouvidos, vias neurológicas, mas não sabemos falar. Da mesma forma, nascemos com uma genitália masculina ou feminina, mas ‘não sabemos Ser homem ou mulher’. Isso precisa ser aprendido a partir de nós mesmos, com nossos pais, com a família e com a sociedade. Trata-se de um processo longo e a identidade de gênero masculina ou feminina só se evidenciará por completo com o surgimento dos caracteres sexuais secundários, na fase da adolescência. (PAMPLONA, 2001: 17).

Quanto à internalização destes conceitos pela criança, Parker faz uma abordagem, em seus estudos sobre a cultura sexual no Brasil contemporâneo, que acho importante trazer aqui. Ele diz: embora uma certa imagem da tradição patriarcal forneça o contexto no qual os brasileiros continuam a interpretar as relações entre homens e mulheres, é na linguagem do cotidiano que seus entendimentos mais proeminentes de masculinidade e feminilidade são primeiramente construídos.

É nas expressões, termos e metáforas utilizados para falar do corpo e suas práticas, que as relações da criança com a realidade começam a tomar forma e que os sentidos associados ao gênero na vida brasileira são mais poderosamente expressos. Quando vista desta perspectiva, a diferenciação entre dois tipos físicos fundamentalmente distintos, um masculino, outro feminino, é assinalada como um simples fato da natureza. Embora as manifestações desta evidente e natural diferenciação sejam muitas, é na existência de duas estruturas anatômicas opostas – o pênis e a vagina – que a distinção entre macho e fêmea é literalmente incorporada.

Essa classificação inicial de diferença anatômica é, entretanto, apenas o primeiro passo num processo de elaboração cultural muito mais extenso que, no fim, transforma a evidentemente dada natureza do corpo humano num conjunto de distinções socialmente significantes: as relações hierárquicas de gênero na vida brasileira. Desta perspectiva, o pênis e a vagina tomam significados não simplesmente como marcadores de ordem natural, mas como representações de um conjunto particular de valores culturais. (PARKER, 1991: 63-4).

Quando a criança constata as diferenças ou as semelhanças anatômicas que existem entre ela e o outro, passa a “reconhecer o tu sexual” e, conseqüentemente, o sexo oposto. O primeiro “tu sexual” da criança e que representa a primeira internalização do sexo oposto, é, mais freqüentemente, o progenitor do sexo oposto ao dela. No caso do menino, ele vai internalizar a mulher a partir da relação com a mãe; no caso da menina, ela vai internalizar o homem a partir da relação com o pai. A internalização da figura do sexo oposto significa importante referencial na escolha dos futuros companheiros sexuais.

A próxima fase da evolução sexual refere-se à “pré-inversão de papéis” ou “jogar o papel do outro”, sendo uma fase bem característica na adolescência. Ela abrange especialmente o terreno da

fantasia como treinamento e preparo para ações futuras e engloba as situações sexuais imaginadas como excitantes e prazerosas. O adolescente, neste sentido, “transa” com a atriz famosa, com a vizinha, com a amiga da irmã; a adolescente, com o galã, com o professor, etc. Quando “fantasia” uma cena, o adolescente interpreta seu próprio papel em nível de expectativa e idealização e interpreta o papel do outro que está com ele.

Então, “jogar o papel do outro” representa um treinamento (role-playing) interno ou externo, do desempenho do papel sexual e do respectivo papel sexual complementar. A fase de triangulação, na adolescência, que é a próxima etapa no desenvolvimento da sexualidade, está mais ligada ao social. Os caracteres sexuais secundários em desenvolvimento são rigorosamente comparados aos da cultura vigente. A cultura apresenta padrões ideais que servem de modelo a ser igualado ou ultrapassado, o que gera ansiedade, medo, insegurança, pois acaba levando a comparações e conseqüente competição. É nesse contexto que se encontram os meios de comunicação de massa como fator de estruturação da identidade sexual do adolescente.

A sexualidade desempenha um papel importante na determinação da auto-estima do indivíduo e a mídia, ao oferecer padrões idealizados de pessoas atraentes e desejáveis, acaba gerando um conflito no jovem que está numa fase em que ocorrem grandes transformações físicas. Na fase de circularização (esta seria a última fase alcançada pelo indivíduo, antes que se torne adulto), “a turma” (ou também chamada “grupo de iguais”) exerce uma grande influência no aprendizado do papel sexual, na estruturação da identidade sexual do adolescente (principalmente para os meninos), além da influência na formação da personalidade.

Enquanto a menarca marca a passagem da menina para a mulher e isso é um fato “visível”, não existe um rito comparável para os meninos. Numa cultura em que o ser homem é ser heterossexual, como parte do ritual de iniciação, na adolescência, espera-se que os rapazes provem sua “virilidade” aos mais velhos e à sua turma por meio da primeira relação sexual. Nesta fase, as conversas sobre sexo representam a “união tácita” do grupo; o menino deve mostrar seu desenvolvimento físico, o controle sobre suas emoções, representando-se como sexualmente ativo através dos órgãos sexuais e da força física.

A nossa cultura estimula o rapaz a desempenhar o seu papel sexual muito precocemente, mas o mesmo não acontece com o papel afetivo. Muitos pais, tios ou irmãos mais velhos, incentivam o adolescente para que ele exerça sua “potência” sexual”. (PAMPLONA, 2001: 48)

A exigência social da “competência sexual” é maior na adolescência, pois se trata de um momento de definição da identidade sexual. Assim, o desempenho sexual cumpre um duplo papel: serve como canal para extravasar uma série de tensões latentes e garante o atestado viril. Do modo como os homens são socializados, dificilmente a experiência sexual é decorrente de uma experiência de encontro em que o prazer de um está remetido ao prazer do outro...

Os meninos crescem tendo por padrão de comportamento um conquistador, ou guerreiro imaginário, de apetite sexual insaciável... O imaginário masculino está permeado por marcas de força, poder e dominação, tanto do outro quanto de si. No âmbito sexual não é diferente, os homens limitam seu prazer a dominar e subjugar, reproduzindo no âmbito privado o que se passa na esfera pública. (NOLASCO, 1993: 70-1)

A fase de inversão de papéis, segundo Fonseca, seria alcançada após a adolescência, pois implica na capacidade do indivíduo se colocar nos dois papéis: o homem no seu próprio papel e no papel da mulher, a mulher no seu próprio papel e no papel do homem; coisa que o adolescente não consegue fazer por estar centrado ainda em si mesmo; por estar na busca de sua identidade.

É nesta fase que aparece a “homofobia”. O menino vive sob vigilância contínua quanto a sua escolha sexual, vigilância que se torna mais evidente na adolescência, suscitando grande temor à homossexualidade, traduzido por atitudes de repulsa e agressividade. Segundo Badinter, a maioria das sociedades patriarcais identifica masculinidade com heterossexualidade. Ela diz:

Na medida em que continuamos a definir o gênero pelo comportamento sexual e a masculinidade por oposição à feminilidade, é inegável que a homofobia, a exemplo da misoginia, desempenha papel importante no sentimento de identidade masculina. (...) Ser homem significa não ser homossexual. (BADINTER, 1993: 116-7)

A sexualidade ocupa papel central na construção da masculinidade, e isso se dá muito precocemente. Diz Nolasco:

Os homens, particularmente, são instigados desde cedo a falar e a valorizar o sexo, não como possibilidade de expressão de si mesmos, mas como maneira de reproduzir o modelo de comportamento para eles determinado. As diferenças sexuais são percebidas como referências estruturais para a identidade dos indivíduos. É tamanha a importância que os homens dão a seus genitais que se referem aos mesmos não como parte do corpo, mas como um outro. (NOLASCO, 1995: 41)

Ser homem associa-se com virilidade, potência sexual, valentia, honra e responsabilidade. Espera-se dos homens que se iniciem sexualmente o mais cedo possível, que realizem proezas sexuais, que tenha domínio sobre as mulheres e o controle sobre a sexualidade feminina. Das mulheres espera-se a inocência sexual, a ignorância e a inexperiência, a fecundidade, a habilidade para procriar, a submissão aos homens, e a expressão “homofobia” tornou-se comum no vocabulário das Ciências Sociais a partir da sua introdução por pensadores do movimento gay. Homofobia significa o medo da homossexualidade, dos homossexuais e da própria sexualidade latente, medos esses que levam, os que são tomados por eles, a ações que excluem, discriminam (e até atacam, fisicamente) aqueles homossexuais que exibem sinais culturalmente estereotipados como reveladores da sua orientação sexual (efeminação, travestismo, militância). (ALMEIDA, 1998: 69)

Assim, a condição de gênero está na base do código social que estabelece padrões diferenciados de conduta para homens e mulheres nos vários setores da vida social. Porém, é na vivência da sexualidade que a discriminação de gênero se mostra com mais evidência. As representações de masculinidade e feminilidade interferem de forma determinante nas relações entre os parceiros, condicionando as atitudes nas várias dimensões da vida da pessoa. (RENA, 2001: 144)

Segundo Scott (1990), a palavra “gênero” começou a ser utilizada pelas feministas para referir-se à organização social da relação entre os sexos, indicando uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. A partir daí, surgiram os conceitos de “feminilidade” e “masculinidade”, as discussões sobre a pluralidade dessas categorias, o alcance político, cultural e histórico do gênero.

Gênero tornou-se um dos mais importantes princípios organizadores da sociedade ocidental, levando pesquisadores a inúmeros estudos tendo como centro esta perspectiva. Como instrumento de estudo, tornou-se uma categoria importante no exame das relações de poder que envolvem as práticas sexuais e a sexualidade humana.

Como os cientistas sociais entendem, sexualidade é menos um produto do impulso biológico e mais um produto dos significados vinculados a esses desejos ou impulsos, e que variam no tempo através das culturas e dos diferentes grupos sociais no interior de uma mesma cultura. (GARCIA, 1996: 41). A expansão dos temas de investigação propostos pelos estudos de gênero trouxe a necessidade de entrar na discussão de outros conceitos que lhe são inerentes como a concepção histórica do ser e sua transformação pela cultura e de acordo com a cultura.

FUTEBOL QUE TEMOS

O Brasil é considerado o país do futebol, e o futebol é considerado o esporte mais popular no País. Embora seja um esporte tão popular, não foi no Brasil que teve seu início, chegando aqui bastante tempo depois de sua criação. Proni, ao fazer um breve histórico sobre a invenção e o desenvolvimento do futebol, considera que os primórdios desse esporte teriam sido na Inglaterra, no fim do século 12, quando os habitantes de várias cidades inglesas comemoravam a expulsão dos dinamarqueses chutando uma bola de couro que simbolizava a cabeça de um comandante do exército invasor. Com o tempo, essas comemorações tornaram-se populares, e os jogos de bola passaram a ser mais frequentes.

Em 1314, contudo, o Rei Eduardo II decidiu proibi-los, porque causavam desordem nos condados – nos jogos era permitido o emprego de socos, pontapés e pauladas para conter a progressão do adversário ou para avançar, o que causava muitos ferimentos e até mortes – e eventualmente desfalcavam o contingente de arqueiros dos quais o seu exército necessitava. (PRONI, 2000: 21). A partir daí, tais jogos de bola permaneceram proibidos, mas não desapareceram por completo. Foi

apenas em 1681, após a restauração da monarquia, que a Coroa inglesa permitiu a prática aberta do futebol em seu país, mas de maneira menos agressiva que anteriormente.

De qualquer forma, o que se pode observar é que, antes de se tornar um esporte, o jogo de bola que se assemelhava ao futebol era uma espécie de disputa violenta e sem regras, servindo como confronto entre os habitantes de várias regiões.

A partir do fim do século 18, início do 19, com a influência da industrialização na Inglaterra, desenvolveu-se um processo de mudança, ou um “processo civilizador” que levou a prática desportiva a ter como objetivo não só propiciar uma atividade física que agradasse aos jovens da elite inglesa, mas também a desenvolver mecanismos de controle das emoções, condizentes com um comportamento individual mais refinado.

Esta foi uma primeira tentativa de normatizar os jogos de bola, pois os jogos populares eram bastante agressivos e, freqüentemente, levavam a lesões e ferimentos graves.

Embora o futebol não fosse considerado digno de um *gentleman* pelos professores, foi adotado pelos alunos de escolas secundárias da época e acabou sendo aceito naquelas consideradas mais liberais, pois mantinha os alunos ocupados e permitia-lhes canalizar sua agressividade sem maiores danos.

Por volta de 1860, tendo sido estabelecidas normas, ou mesmo um código, para regular os jogos, os pedagogos passaram a valorizar o futebol, e as atitudes em relação a ele reverteram-se definitivamente:

(...) de uma postura de desagravo e tolerância para uma orientação explícita de encorajamento e valorização do novo esporte. E o futebol foi convertido em uma ‘escola’ de virtude e de virilidade, capaz de ajudar a modelar o caráter e estimular a vontade de vencer, o que distingue os verdadeiros líderes. Mas uma vontade de vencer que se conforma às regras instituídas, que adota uma atitude exemplar: o fair play, o jogo leal e justo, competição na qual há um equilíbrio entre envolvimento e distanciamento, ou seja, um comportamento ‘cavaleiresco’ inteiramente oposto à busca ‘vulgar’ da vitória a qualquer preço. (PRONI, 2000: 24)

Pode-se constatar que, o futebol, assim como outros jogos, antes exclusivos do sexo masculino, passa a ser transmissor de habilidades, competências e valores considerados como essenciais ao mundo dos homens, tais como autoridade, negócio, caça, ataque, defesa, combate e luta.

Abre-se aqui um parêntese para observar, primeiramente, o papel da escola como formadora dos comportamentos relativos a cada sexo e, em segundo lugar, ressaltar a mensagem contraditória que a educação passa aos meninos, incentivando-os a participar de atividades físicas e esportivas que contenham atitudes e comportamentos violentos, considerados como valor no aprendizado dos papéis masculinos.

Retornando ao histórico do futebol, Proni segue dizendo que:

... aquilo que denomina como “invenção” do futebol moderno, correspondeu a uma construção social, implicou um processo gradual de regulamentação para obter um equilíbrio entre o desejo de praticar uma atividade física que produzisse uma tensão emocional ‘excitante’ e a necessidade de restringir a violência desenvolvendo mecanismos de autocontrole. (PRONI, 2000: 25)

Com o passar do tempo, o futebol regulamentado deixou de ser praticado somente pela elite inglesa, a aristocracia. Inicialmente, por ser necessário recrutar operários das fábricas para a formação de equipes, depois, conforme consideração dos historiadores, entre outras razões, porque o futebol acabou se difundindo entre os distintos segmentos da sociedade britânica.

Proni observa que, por ser uma espécie de batalha simulada cujo resultado é imprevisível, cedo o futebol tornou-se um espetáculo muito apreciado pelo público “predominantemente masculino”, tanto que se transformou em um evento capaz de atrair milhares de pessoas dispostas a pagar para presenciar o confronto esportivo. Com isso, algumas equipes instituíram formas de remuneração para que seus atletas pudessem dedicar mais tempo aos treinamentos e melhorar seu desempenho e, embora houvesse resistência dos homens que “controlavam” a *Football Association*, acabou-se adotando o profissionalismo entre os atletas, continuando os dirigentes como amadores.

Foi somente há poucas décadas que o futebol passou a ser considerado uma organização empresarial. No Brasil, o futebol teve uma história mais ou menos semelhante, sendo trazido da Inglaterra para São Paulo, em 1894, por Charles Miller, brasileiro de origem inglesa que retornou de seus estudos na Europa trazendo na mala uma bola de futebol.

Segundo Bruhns:

... podemos seguir a trajetória desse esporte – introduzido no país há mais de cem anos, por uma elite, até se tornar o esporte mais popular do Brasil – ao longo de uma série de episódios e processos, (...) que se desenrolam com o desenvolvimento industrial e urbano, envolvendo a classe operária, empresários, camadas populares, especialmente a população negra. (BRUHNS, 2000: 56)

Bruhns utiliza cinco períodos para contar a história do futebol no País: 1º) o período de sua restrição aos clubes urbanos pertencentes a estrangeiros (1894-1940); 2º) sua fase amadora, marcada por passos de divulgação e pressão crescentes para melhorar o nível do jogo por meio de subsídios para os jogadores (1905-1933); 3º) o período inicial do profissionalismo (1933-1950); 4º) a fase de reconhecimento de nível internacional, acompanhada por comercialização sofisticada e maturidade (após 1950); 5º) a busca pela modernização do futebol brasileiro, que vai de 1970 até os dias de hoje. (BRUHNS, 1985: 56)

Esta pesquisa não tem intenção de embrenhar-se pelos caminhos de uma análise histórico-política detalhada do futebol, pois não é esse o objetivo do estudo. O que importa é refletir sobre como a rede de relações que permeia este esporte contribui na formação da identidade de gênero dos adolescentes, sujeitos do estudo.

Desde que o futebol é considerado um esporte essencialmente masculino, buscamos observar como se articulam, neste espaço, os elementos que viabilizam a construção da masculinidade num grupo de adolescentes específico, ou seja, adolescentes que estão ali para receber treinamento com vistas a tornarem-se os melhores jogadores e poderem realizar sonhos, muitas vezes, de uma vida melhor.

METODOLOGIA

Optamos por fazer uma abordagem qualitativa, através de uma investigação bibliográfica pois acreditamos que ela proporciona uma visão mais ampla dos pressupostos que se deseja investigar, uma vez que a dinâmica social é permeada de fatos e valores dificilmente observados em outras abordagens.

Segundo Scott:

a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito, o objeto e a subjetividade do sujeito. (SCOTT, 1990: 79)

Desta forma, o pesquisador passa a fazer parte da elaboração do conhecimento, analisando e interpretando os fenômenos norteadores das questões, atribuindo-lhes significados. Além disso, tratar de temas como sexualidade, relações de gênero e outros, com um grupo masculino, sendo mulher, tem no uso de técnicas qualitativas um método extraordinário para chegar mais perto da “revelação do eu”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos salientar como “o outro lado”, ou seja, o lado masculino, o homem, sentia, pensava. Pudemos constatar nos estudos a existência de conflitos, inseguranças, dúvidas, que até então só havíamos ouvido das mulheres. O desencontro, o fator de exclusão da equipe, a reclusão em véspera de jogos o sofrer por um amor não-correspondido, o sentimento de exclusão por uma escolha sexual não-aceita pela sociedade, a exigência da parceira de um comportamento mais carinhoso, enfim, cobranças de papéis que não foram aprendidos e que agora teriam que ser até adivinhados. Verificamos uma dissonância existente entre o que sentem e pensam e aquilo que as instituições sociais dizem que devem sentir e pensar.

Estes entendimentos levaram a questionamentos mais amplos sobre o relacionamento de homens e mulheres como papéis complementares, já que os percebíamos sofrendo suas contradições e transformações. O desafio para entender um pouco mais sobre algo tão complexo – o ser humano em relação – é que nos levou buscar, neste estudo, a construção da masculinidade pelo adolescente, como tema de estudo.

Somos levados a entender que a integração numa cultura se dá por meio da adoção de papéis, assim como uma cultura se define também pelos papéis que nela existem, uma vez que será a aquisição ou a adoção de papéis que levará à socialização do indivíduo e que este papel possui um intenso dinamismo. Há nele, além de seu denominador coletivo e um diferenciador individual. Aprendemos que o ser humano é um ser em constante transformação, com muitas possibilidades de desenvolvimento e de construir novos papéis ou modelos de conduta.

Optamos por analisar referências teóricas e históricas sobre futebol em Bruhns (2000) e Proni (2000) porque entendermos que, pela história do futebol poderíamos entender melhor a construção da masculinidade em nossa cultura e que poderíamos, também, ter algumas respostas às questões sobre a formação da identidade masculina. Percebemos como a cultura, por meio de todas as suas instâncias, impõe as condições de “funcionamento” ou “desempenho” dos papéis masculinos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wilson Castello. **Formas de Encontro: psicologia aberta**. São Paulo: Ágora, 1988.
- BADINTER, Elizabeth. **XY: sobre a Identidade Masculina**. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BRUHNS, Eloisa Turini. (org.). **Conversando com o corpo**. Campinas: Papyrus, 1985. _____ **Futebol, Carnaval e Capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campus, S. P.: Papyrus, 2000.
- GARCIA, Sonia. **Gênero e Sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar?** In: PARKER, R. e BARBOSA, R. M. (orgs.) **Sexualidades Brasileiras**; Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.
- DIAS, Albertina. **Atendimento na Rede Básica de Saúde**. In: **Adolescência e Saúde**. Comissão de Saúde do adolescente. São Paulo: Paris Editorial/ Secretaria do Estado de Saúde, 2000.
- FONSECA, José S. Filho. **Psicodrama da Loucura: correlações entre Buber e Moreno**. São Paulo, Agora, 1980.
- _____. **Psicoterapia da Relação: elementos de Psicodrama Contemporâneo**. São Paulo: Ágora, 2000.
- LOURO, Eugênio Martín. **Psicologia do encontro**. São Paulo: Agora, 2000.
- RENA, Isaura. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- NOLASCO, Sócrates Álvaro (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.
- _____. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- PAIVA, Vera Paiva. **Evas, Marias, Liliths ... as voltas do feminino**. São Paulo.: Brasiliense, 1993.
- _____. **Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual**. In: PARKER, R. e BARBOSA, R. M. (orgs.) **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.
- PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991
- PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp. IE, 2000
- PAMPLONA, Luiz Carlos Castello Branco. **Sexualidade e Adolescência – as oficinas como prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 16, n.2, p.5-22, jul/dez. 1990.

¹ UNESP/R.Claro- Departamento de Educação Física; LEPESPE

² UNESP/R.Claro; LEPESPE; ESEFJundiaí; UNIANCHIETA